



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por ANTONIO DIAS

Desenhos de A. CASTANÈ

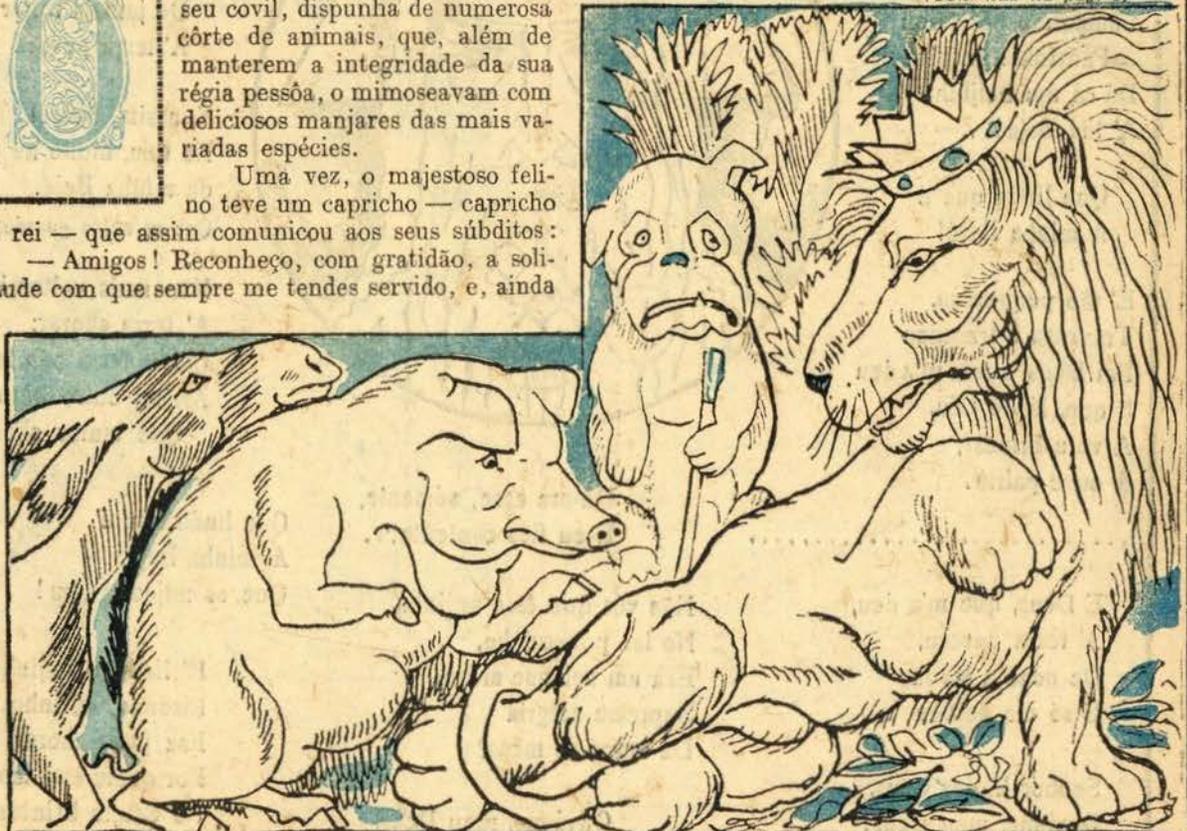


REI das selvas, um leão caduco e trôpego, que não saía já do seu covil, dispunha de numerosa côrte de animais, que, além de manterem a integridade da sua régia pessoa, o mimoseavam com deliciosos manjares das mais variadas espécies.

Uma vez, o majestoso felino teve um capricho — capricho de rei — que assim comunicou aos seus súbditos: — Amigos! Reconheço, com gratidão, a solicitude com que sempre me tendes servido, e, ainda

confiado na vossa dedicação e sem intuito de aborrecer-vos, espero que não deixareis de satisfazer

(Continua na pag. 3)





por JULIÃO SELVAGEM



Que linda que é
A minha Beje!

Risonha, loirinha,
Tem tanta gracinha
Na rua, brincando,
Correndo, saltando.

Ao sol, no jardim,
Chamando por mim:
—Padrinho! Padrinho!
Dá cá um beijinho
A' tua Beje...

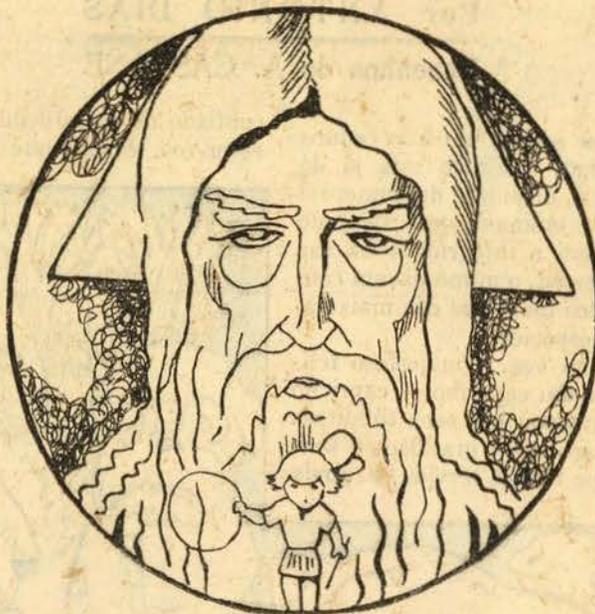
Que linda que é
A minha Beje!

E' tão pequenina,
Travessa e traquina
Foi Deus quem m'a deu
E que, lá do Céu,
A vê a brincar,
A ouve palrar.

E Deus, que m'a deu,
A' terra desceu,
De novo a levou
E só me deixou...

Senhor lá dos Ceus,
Ouvi-me, meu Deus!

Tens tantos anjinhos
Risonhos, loirinhos...



Dá-me esse, sómente,
E eu fico contente...

Não vês que êsse anjinho,
No lar póbrezinho,
Era um sol que ardia,
Suprema alegria
De todos os meus?

Ouvi-me, meu Deus!

Eu vou prometer
Que, assim que puder,
Irei lá ao Céu
Buscar o que é meu.

Irei ter contigo...
Pedir-te, Senhor,
Que dês o castigo
A um pecador,
De jamais voltar
A' terra pecar!

E, assim, ficarei
No Céu, muito ao pé
da minha Beje,
Que os anjos guardaram...

Não mais voltarei
A' terra chorar;
Que a terra não tem,
Assim, outro bem
Que tantos choraram.

Que linda que é
A minha Beje,
Que os anjos lá têm!

E' lindo, o anjinho,
Risonho, loirinho...
Faz pena chorar
Por quem está tam bem,
No Céu, a brincar.

OS TRÊS ABADEJOS

(Continuado da pag. 1)

um insistente desejo que, desde há muito, vem atormentando a minha débil existência. Bastantes e variadas iguarias me haveis fornecido até hoje, mas, ou porque o estômago se sinta enfraquecido, ou porque o paladar se mostre insaciável, eu de bom grado trocaria as carnes que abundam na floresta por outras para nós desconhecidas... Ide, pois, pelo mundo fóra, á procura de animais que pertençam á terra, ao mar e aos ares; e, quando tiverdes achado as três espécies, diferentes de gosto mas de nome comum, trazei-mas, sem demora, antes que tal desejo me mate.

«Talvez que esta vontade seja a última dum velho, prestes a resvalar na sepultura! Ide, meus filhos, caminhai sem cessar, não regeiteis mais este favor ao vosso rei!

Apenas acabou de falar, alguns dos seus mais ágeis e valentes servos adiantaram-se e, fazendo-lhe profunda vénia de submissão, partiram logo em busca do pitêu desejado.

Depois de haverem percorrido muitos quilómetros através de montes e vales, depararam, numa estrada, com um animalejo de feição esquisito, para eles desconhecido, e até para o leão, que, por certo, deveria rejubilar com a sua presença. E, sem outro pensamento que não fôsse o de bem servirem o seu rei, perguntaram-lhe:

— Como te chamas?

— Há quem me chame *abadejo*, mas conhecem-me mais por vaca loira.

— Para vaca és muito inferior — disseram

empenho de te ver. Despacha-te, pois, para nos acompanhares á sua presença.

A intimação não era de molde a suportar recusa; por isso, o pequeno *abadejo*, deixando em meio a bola que fabricava com excremento e pó da estrada, e a tremer de susto, se propôs a segui-los imediatamente.

Dali por diante, os solícitos emissários deixa-



ram de olhar para a terra e desviaram as atenções para os ares, na expectativa de que lhes surgisse a ave desejada.

A todas que apareciam, voando na sua frente, iam interrogando, porém sem resultados satisfatórios. Vinham já percorrendo terras de Portugal quando, numa bela tarde de primavera, depararam com um passarito que se entretinha a debicar num tronco musguento. á cata, talvez, de insectos para alimentar os filhos.

Pouco mais corpo tinha do que o *abadejo* que os acompanhava, pedaço quasi indigno de figurar num jantar de rei! No entanto, dirigiram-se-lhe também:

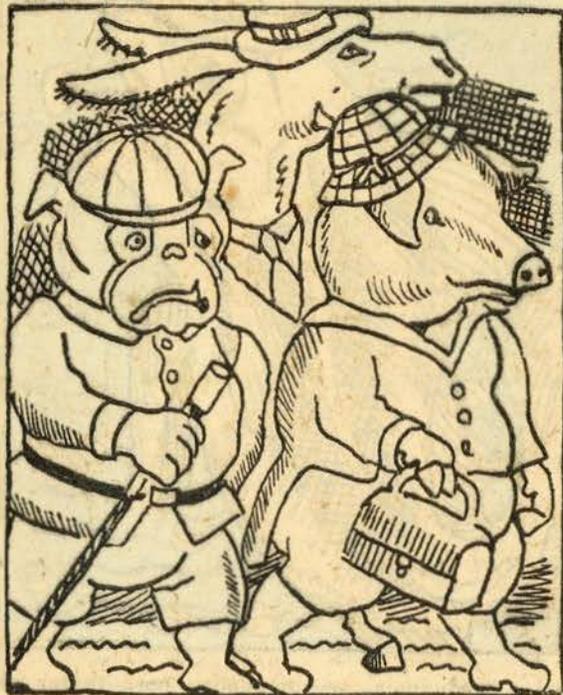
— Como te chamas?

— Há quem me chame *abadejo*, mas por aqui conhecem-me mais por carrichinha.

— Muito folgamos com a tua resposta, pois apenas nos falta encontrar o terceiro do mesmo nome. Abandona já o teu trabalho e segue-nos, para te levarmos á presença do rei leão, que muito há-de folgar com a tua visita.

A pobrezinha nem sequer se atreveu a invocar a sua condição de mãe, duma ninhada de órfãos ainda implumes, para pedir escusa de os acompanhar.

Á piscar os olhitos rasos de lágrimas, lá se

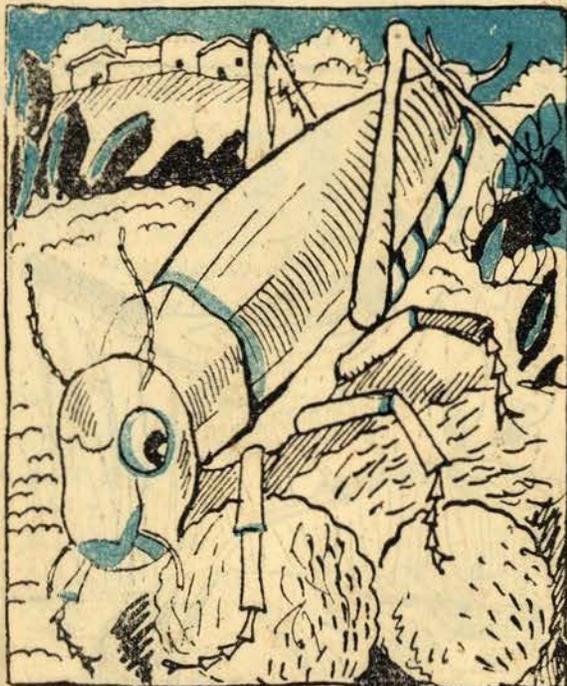


aqueles, rindo — vai-te melhor o nome de *abadejo*! E como o nosso rei leão nunca te conheceu, nem sequer de ti ouviu falar, deve mostrar

guiu com os cruéis emissários do seu portentoso rei.

Chegados á costa, meteram-se numa embarcação, a fim de percorrerem os mares em demanda do último *abadejo*. Como o vento era de feição, tomaram rumo ao norte, interrogando, a cada passo, qualquer peixe que deitasse a cabeça para fóra de água.

Tinham-se cruzado com uma infinidade de



exemplares, sem haverem encontrado o que procuravam, até que, numa tarde brumosa, aí pelas costas da Irlanda, deram com uns belos peixes, ventruídos como as pescadas, mas de maior tamanho, a quem dirigiram a pergunta do costume:

— Como te chamas?

— Há quem me dê o nome de *abadejo*, mas, geralmente, sou mais conhecido por bacalhau.

— Bravo!!! — gritaram, a um tempo, os animais presentes — encontrámos o nosso terceiro *abadejo*, e, neste momento, poderemos regressar já á côrte do nosso rei!

«*Abadejo*, bacalhau, ou lá o que és, trépa, num instante, cá para cima, vamos, para te transportarmos á presença do nosso rei leão, que morre por te conhecer!

— Não posso trepar, não tenho pernas — respondeu o infeliz bacalhau, como que a escusar-se de os acompanhar.

— Não tens pernas? — perguntou um dos emissários. O elefante vai suspender-te com a sua delicada tromba. Põe cá o lombo bem á mostra... Elefante, anda-me com êle...

Num momento, o bacalhau foi içado para o barco, e, na companhia dos outros dois *abadejos*, não teve remédio senão seguir com os enviados do rei das selvas.

Já êste se mostrava inquieto com a prolongada demora, quando, num dia de sol ardente,

se lhe apresentaram os fieis emissários, levando adiante os seus três *abadejos*.

— Sêde benvindos, amigos! A vossa demora fazia-me já estar em cuidado, supondo-vos perdidos por estranhas parágens, donde não mais vos fôsse possível regressar! Mas ainda bem que vos vejo fortes e sádios como quando partistes!

Também vejo que vos desempenhastes da missão que vos recomendei, pois que trazeis em vossa companhia três animais, diferentes entre si, ainda que franzinos!...

— Fizemos tudo quanto nos foi possível, para te sermos agradáveis.

«Aqui tens três *abadejos* para te servirem, ainda que de mais não seja, de sobremesa, pelo menos.

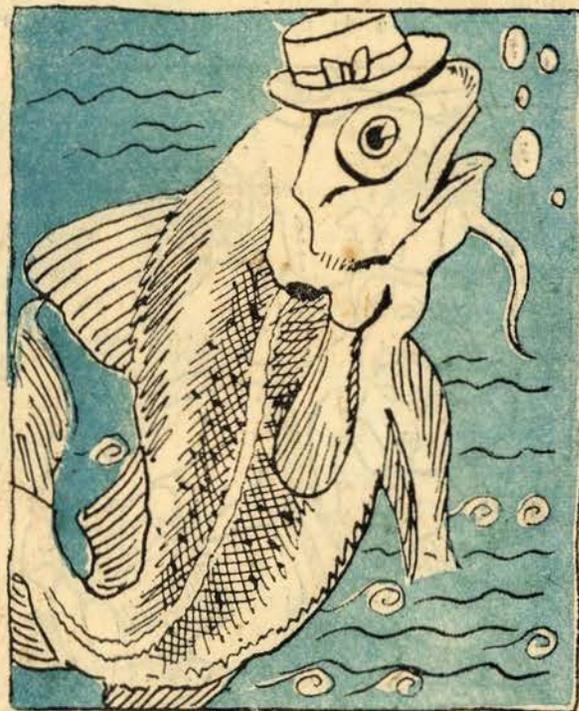
Os três infelizes, perante tão respeitoso senhor, e ouvindo semelhante diálogo, começaram a tremer muito e a soluçar, de lágrima ao canto do ôlho.

O leão abriu a bôca com enfado, recostou-se melhor no montão de folhas sêcas que lhe servia de leito, e, dirigindo-se á vaca loira, fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Não me mates, senhor! Não me comas! — suplicou ela com angústia. E, demais, sou tão insignificante para tua desmedida bocarra que passaria por ela sem mesmo dares por isso!

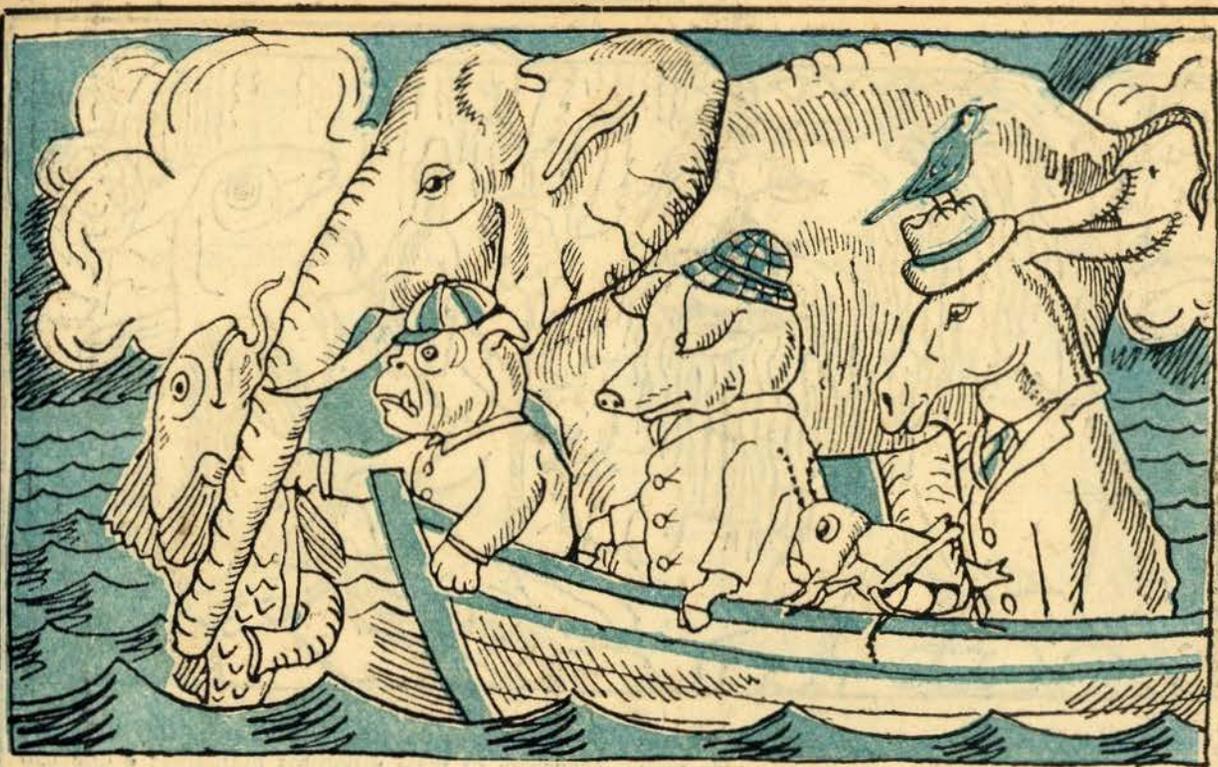
— Na verdade, não és lá muito de cobiçar! — tornou o leão, afirmando-se melhor. Mas como não tens qualquer outro préstimo...

— Enganaste-te, tenho e até muito. Fabrico



bolas medicinais, recomendadas para matar se-zões...

O leão riu com vontade, e todos os presentes o acompanharam com estridentes gargalhadas, ante a esperteza da vaca loira!



— Mas, se não me acreditais — continuou ela — permiti que vos demonstre a verdade do que afirmo! Conservai-me a vida, que não tereis de que vos arrepender!

— Concedo-te a vida — respondeu o rei dos animais — mas ai de ti se ousas lograr-me!...

E ordenou que se aproximasse a carricinha:

— E tu, tens, também, alguma virtude que alegar?

— Sim, grande rei da selva. Dou caça a todos os insectos e parasitas, que são o flagelo das plantas e até dos animais.

— Se é como dizes, ficarás ao meu serviço privativo. No entanto, se tentares iludir-me para salvar a vida, grande castigo te está reservado...

Tocou a vez ao último *abadejo*, que, sem esperar qualquer pergunta, se pôs a falar:

— Eu também possuo uma virtude que de muito te poderá servir, e a todos os teus vassallos, poderoso chefe dos irracionais!

— Vamos conhecê-la, simpático bacalhau: mas não procures abusar da minha condescendência, porque pode sair-te caro o atrevimento — respondeu o leão.

— O meu fígado contém um óleo de efeitos reconstituintes, dando força ao fraco, saúde ao doente e vigor ao decrépito!...

— Tentarei uma experiência... Como áqueles, também a ti concedo a vida. Se é verdade tudo quanto acabais de expôr, de bom grado me privo do banquete para que vos havia destinado.

Finda a audiência, cada um dos três *abadejos* se apressou a demonstrar quanto dissera sobre a utilidade da sua pessoa.

A vaca loira encaminhou-se para a estrada, onde logo deu início ao fabrico duma das suas bolas.

A carricinha voou para a farta juba do leão

e por ali deu começo á sua tarefa de caçar parasitas.

E o bacalhau, antes ainda de ser transportado para um lago de água salgada, que ficava perto, fez um grande esforço abdominal sôbre o fígado, comprimiu-se todo, e lançou uma porção de óleo, que o decrépito leão se apressou a ingerir.

Com o andar dos tempos, o rei da selva e toda a sua côrte tiveram ocasião de constatar a utilidade dos três *abadejos*.

Sempre que as febres palustres se manifestavam com maior intensidade nos habitantes da floresta, era a vaca loira quem lhes dava incessante combate, por meio da eficácia curativa das suas bolas.

O leão — que muito havia sofrido com a impertinente comichão produzida por batalhões de parasitas que, abusivamente, povoavam a sua pele, e ainda sem poder arrastar-se para fóra do covil, por estar velho e trôpego — considerava-se devedor, para com a carricinha e para com o bacalhau, de gratidão sem fim, pois que, além de se ver livre dos parasitas que o mortificavam, podia já sair a passeio, sem experimentar a menor dôr nem fadiga.

— Graças á providência — dizia o monarca, perante a sua côrte — que em boa hora nos trouxe os três *abadejos* a êste lugar! São já sem conto os benefícios que têm prestado a todos nós! Privei-me do banquete desejado, mas não tenho de que me arrepender. Andei até com muito acêrto...

— E' verdade, poderoso rei dos irracionais, a tua deliberação foi a melhor! — responderam alguns dos presentes.

— Porém — tornou o leão — não me sinto satisfeito com o ter-lhes poupado a vida. Quero, também, manifestar-lhes a minha e a vossa gratidão. Não é verdade que muitos de nós devem a



vida é diligente vaca loira? Não sou eu, porventura, devedor á carricinha e ao bacalhau do meu viver tranquilo actual e do vigor mção que adquiri?

— Com efeito! — exclamaram os vassallos, todos á uma.

— Ora, vêde lá, é bem verdade que não devemos desperdiçar duma só vez tudo o que possa servir-nos de utilidade no futuro! Mas que bem fiz, que bem fiz em não ter comido os nossos três abadejos!... Amigos, se estais de acôrdo com a vontade do vosso rei, demonstrem-lhes que, apesar do nosso instinto de feras, também existe em nós o sentimento da gratidão! Façamos público o reconhecimento de que nos são credores!

— Apoiado! — gritaram, entusiasmados, todos os animais presentes.

— Então, recebemo-los já amanhã, em festa!

Procuram por toda a parte as mais lindas flôres; preparem os mais saborosos manjares; e que não falem as aves com as suas canções, nem os monos com os seus bailados! Vamos, amigo, andem-me com tudo de maneira a nada faltar em dia de tão significativa memória!

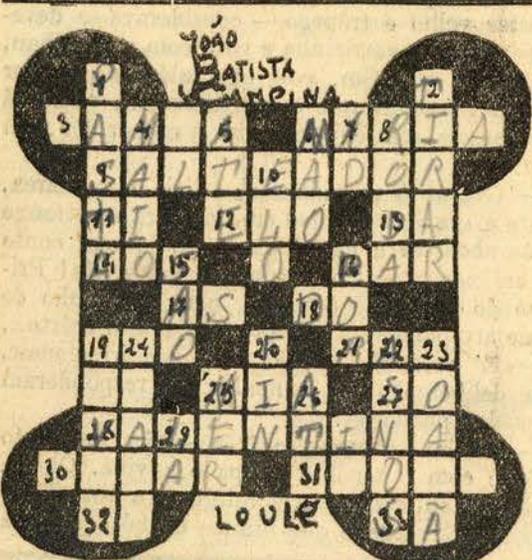
Mal havia terminado, logo cada qual se lançara, presto, a dar a sua colaboração, para que a festa resultasse brilhante.

E, com efeito, nela nada faltou.

Os três abadejos, emocionados com a inesperada honra, sentiram-se de todo confundidos e não cessavam de dirigir os seus agradecimentos ao velho leão, de quem exaltavam a nobreza e a generosidade!

Houve, afinal, o que se chama festança rija, sem qualquer nota a destoar do seu digno fim.

F I M



Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS

5, Palco. 6, Nome de mulher. 9, Ladrão de estrada. 11, Pronome pessoal. 12, Laço. 13, Tempo de verbo. 14, Contracção ou preposição com artigo. 16, Palavra francesa. 17, Carta de jogar. 18, Compaixão. 19, Caridoso. 21, Conjunção. 25, T. de verbo. 27, Não acompanhado. 28, Nome de mulher. 30, Verbo. 31, Ocorre. 32, Conjunção. 33, Sádica.

VERTICAIS

1, Porção chata de massa. 2, Furtar. 4, Um dos meses do ano. 5, Preposição. 6, Parte do corpo. 8, T. de verbo. 10, Laço. 15, Sádico. 16, Preposição. 19, Nações. 20, Fim em francês. 22, Burros. 23, Boato. 24, Anos que se contam. 25, Palavra francesa. 26, T. de verbo. 29, Advérbio.

HORA DE RECREIO

PRESTIDIGITAÇÃO



Estamos ao serão e vamos entreter a família com esta experiência física a que poderemos dar o nome de sorte de prestidigitação, tão fantástico é o efeito produzido.

Pega-se num garfo inteiramente metálico, ferro, prata, etc., e numa faca e, sentados em frente do respeitável publico, vamos proceder à nossa experiência.

Vamos transportar o som, numa mão fechada, para dentro de um copo ou mesmo para um canto da casa. Atenção!

Põe-se a faca na mão direita e com o dedo polegar apertam-se os dentes do garfo, de forma a fazê-lo vibrar e a produzir um som.

Depois, logo a seguir, leva-se a mão fechada até a um copo que deve estar a meio metro de distância, aproximadamente. Sobre o copo, abra-se a mão e as pessoas presentes terão a ilusão de que ouvem distintamente dentro do copo, o som, muito ampliado, produzido pela vibração do garfo.

Para o canto da casa, faz-se o gesto de arremeçar o som e depois de um espaço de tempo conveniente ouvir-se-há, ou antes, ter-se-há a ilusão de ouvir nêsse ponto o som do garfo.

Como se procede? Vamos explicar.

A meesa sobre a qual se faz a experiência tem que ser de madeira e não deve ser coberta com qualquer pano.

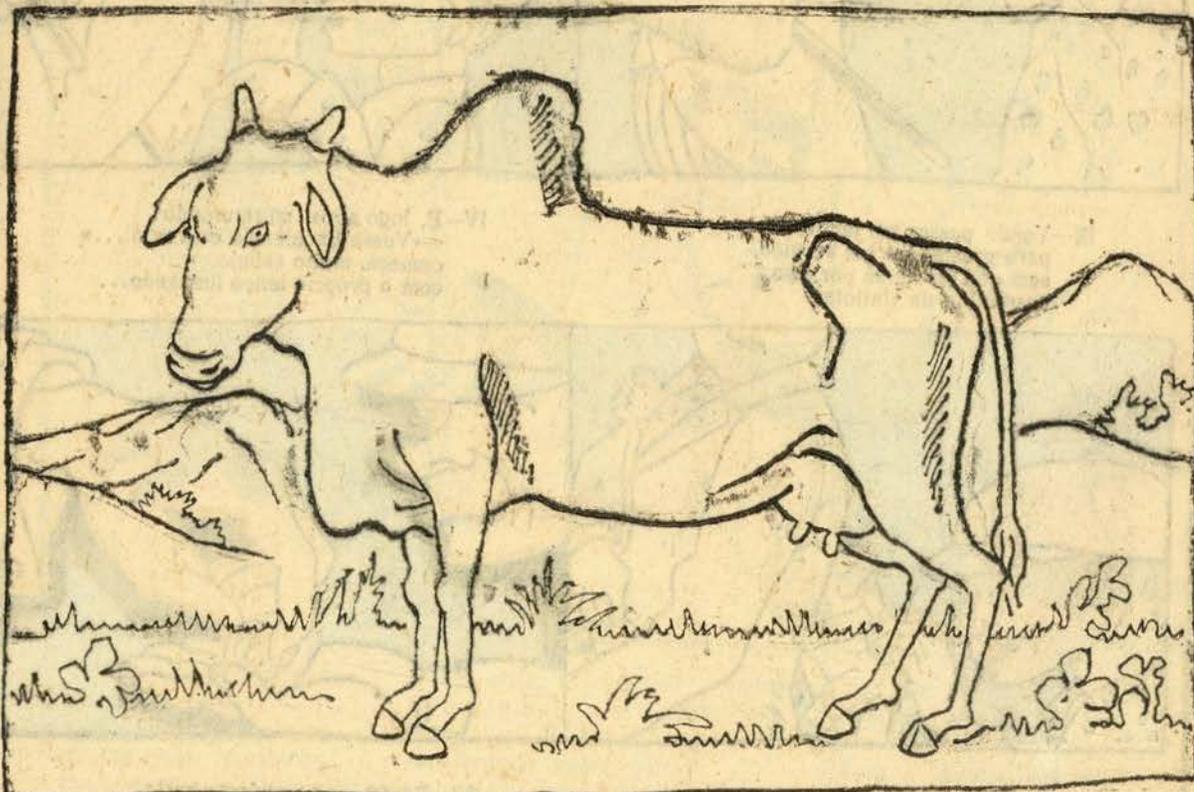
Apoia-se-lhe a mão que segura o garfo, de forma a que o cabo do mesmo fique a pequena distância da mesa, *mas não encostado*.

Quando se produz o som do garfo com a faca, tal como acima dizemos, conserva-se este, a pouca distância da mesa e só se toca nesta quando se abre a mão sobre o copo.

O som da vibração do garfo é ampliado ao tocar na mesa, dando, dessa forma, a ilusão de que este facto succede no copo.

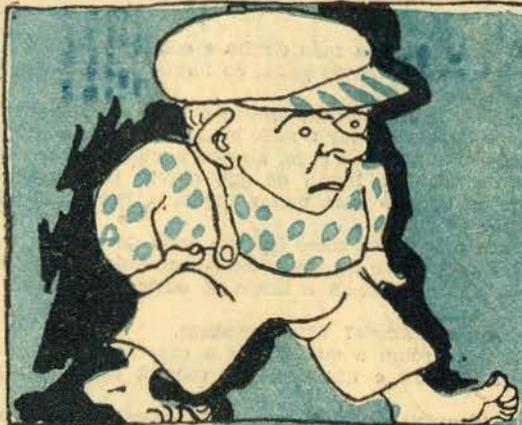
Da mesma forma, ao canto da casa, a ilusão é perfeita, contanto que se lhe dê o espaço de tempo que corresponda á chegada do som a êsse canto...

PARA OS MENINOS COLORIREM



A VACA ZEBU — (BOS ZEBU)

ESPERTEZA DE RATO



I—Era uma vez um gaiato que, ao ver a bolsa vazia, recorreu, um certo dia, a uma esperteza de rato.



II—Em lugar de trabalhar e viver honradamente, andava, constantemente, nas ruas a vadiar.



III—Vendo passar um janota, para prestar-lhe um serviço, sem que ele desse por isso, cuspiu-lhe na «fatiota».



IV—E, logo após, murmurando: —«Vossa Excelência está sujo!...» começa, muito sabujo, com o próprio lenço limpando...



V—Dotado de boa fé que, às vezes, nem é virtude, o janota, já se vê, pagou tal solicitude.



VI—Porém, como andasse perto, sempre vigilante, um guarda, na ratóeira da esquadra meteu o ratinho esperto.